

O analista em seu laboratório: entre ciência e arte

The analyst in his laboratory: between science and art

L'analyste dans son laboratoire : entre science et art

Resenha do livro de Marco Antonio Coutinho, *Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan*. Volume 4. O laboratório do analista. São Paulo: Zahar. 2022. 360 páginas.

Rosana Coelho*

Iniciar esta resenha dizendo que o quarto livro de Marco Antonio Coutinho Jorge, o qual tem o instigante subtítulo de *O laboratório do analista*, é consistente e bem escrito, é dizer pouco. É dizer pouco porque Marco Antônio já é conhecido por um estilo de transmissão que tem, entre outros, o mérito de enlaçar rigor teórico e clareza na exposição do texto, erudição e generosidade no compartilhamento do saber.

O livro que completa a tetralogia dos Fundamentos da Psicanálise – de Freud a Lacan, confirma o seu estilo e instiga o leitor a ler/reler os demais volumes, a estreitar o diálogo com o autor. Tal como nos outros volumes, os desdobramentos teóricos são ofertados em um movimento espiralado: na ponta da espiral, estão imantados aspectos fundamentais dos conceitos psicanalíticos. Nas voltas da espiral, esses conceitos vão-se encontrando com desenvolvimentos teóricos ricos e fecundos, subsidiados por conversas criativas com outros ramos do saber e campos da arte em geral, tais como a literatura, o teatro, o cinema, a poesia, a história, a filosofia.

É desse modo que nosso autor revisita textos freudianos e lacanianos, propõe enlances entre eles, facilitando para o leitor o sempre árduo e incessante trabalho de compreender de forma sistêmica a teoria psicanalítica. Ao trabalhar o seu texto, (re)visitando inúmeros textos da obra de Freud e de Lacan, e em diálogo com outros psicanalistas contemporâneos, o autor nos convida a trabalhar com a teoria psicanalítica, tomando o significante laboratório para mostrar que o *laboratório do analista*, é o lugar no qual *o analista labora*.

É com um tanto de intimidade com a teoria e generosas pitadas de poesia na escrita, que a leitura deste livro pode aflorar a transferência com o trabalho do autor, mas, sobretudo, pode aflorar a transferência com a própria psicanálise, fazendo de um livro o objeto mais valioso que o ser humano pode possuir: um objeto que é causa de desejo, do



* Psicanalista. Pós-doutora em Psicanálise, Clínica e Cultura/UFRGS. Diretora do Corpo Freudiano Porto Alegre.

desejo de estudar psicanálise. Um desejo que dá o inestimável suporte a quem se lança no impossível ofício de psicanalisar.

A escrita de Coutinho Jorge transmite e fomenta um desejo que podemos nomear de *desejo de saber*: de saber o que move o analisante, desejo que dá lastro teórico ao desejo do analista, nome que Lacan deu ao desejo de que haja análise. Este fomento é impulsionado por uma escrita matizada por citações diretas, complementada pela riqueza de referências bibliográficas. Assim, é com rigor conceitual que o autor trabalha os fundamentos da psicanálise, não para reafirmá-los simplesmente, mas para fazer-nos um convite, irrecusável, de reinvenção incessante da teoria psicanalítica, em um gesto inspirado e cúmplice ao ensino de Freud e de Lacan

Numa sacada criativa, elegeu a díade Ciência e Arte, como fio condutor de suas elaborações. Esta díade amarra as pontas do livro, pois o autor começa com ela, no primeiro capítulo, e a retoma no terceiro capítulo. Entre eles, no capítulo 2, está, de forma mais detida, o labor com a teoria e seus multifacetados conceitos, no qual desdobramentos teóricos instigantes são manipulados nesta espécie de laboratório que o *analista-autor* materializa em forma de livro. Neste capítulo 2, Marco Antônio dá destaque às teorizações sobre a interpretação, instrumento técnico principal do analista. Nele, encontramos um recurso didático potente: recortes do cotidiano da clínica, costurados finamente com as linhas da teoria e da técnica. Ao trabalhar com a díade Ciência e Arte, os conteúdos do livro remetem o leitor a uma proposição caríssima de Freud: a de que o artista precede o psicanalista, e com aquele aprende a escutar a pulsação do desejo que habita o recôndito mais íntimo do humano.

Ao iniciar a leitura do livro, o encontro com esta díade faz-nos lembrar a intenção acalentada por Freud de fazer da psicanálise uma ciência aos moldes das ciências naturais, e o quanto sua imensa identificação com o trabalho do artista impediu o completo atingimento desta intenção. Que impedimento feliz este que o inconsciente de Freud operou!

Com a experiência, e sobretudo a astúcia de quem é um leitor voraz e atento da obra freudiana, bem como um escritor que já deixou tinta em muitos outros escritos de psicanálise, Marco Antônio escolhe ninguém menos que Leonardo Da Vinci, artista e cientista amado por Freud, como interlocutor dileto, para mostrar o que pode a díade Ciência e Arte, quando ela opera na condução de uma análise. Assim, do início ao fim do seu livro, o autor toma Ciência e Arte como eixos fundamentais do trabalho do psicanalista em seu laboratório, ao mesmo tempo em que a sua escrita é ela própria, o vigor desta díade em ato. Entremeadas, pois, aos enunciados teóricos, extraídos do estatuto científico da psicanálise, há passagens de livros literários, de cenas de filmes, de poemas, para instigar-nos e, à sua maneira, desafiar o leitor a buscar, por si mesmo, recursos que o levem a inventar poções e fórmulas condizentes com sua experiência clínica e seu estilo, elementos singulares e, portanto, em certa medida, intransmissíveis.

De sua parte, é num diálogo confortável e amistoso com outros autores e artistas que Coutinho Jorge caminha: conversa com Marcel Duchamp, Marguerite Duras, Clarice Lispector, Thomas Kun e com outros colegas, psicanalistas contemporâneos, ora fazendo citações diretas, ora contrapondo-se, ou fazendo remissão e aliando-se às suas produções teóricas. Faz-nos lembrar, com este ato, a recomendação de Freud sobre a importância de uma formação interdisciplinar do analista. A lembrança de que a erudição constitui, neste caso, um amável amigo que desperta o psicanalista para uma escuta implicada e competente dos meandros da alma humana. Não se trata, como o autor faz questão de sublinhar, de que esta erudição tenha como objetivo colocar o analista em um patamar de superioridade teórica em relação aos outros com os quais ele divide a cena sociocultural.

Trata-se da erudição como pilar da sensibilidade necessária para que o analista “esteja à altura da subjetividade do seu tempo”, como nos recomendou Lacan.

Como não poderia deixar de ser, o livro é todo tramado por conceitos-chave: inconsciente, desejo, Outro, sonho, linguagem, pulsão, discurso do psicanalista, objeto a, sintoma, RSI. Mas também aqui o tom academicista está excluído, a favor de uma escrita fluida, com exemplos do cotidiano da clínica, acompanhados de cuidadosas explicações e breves esquemas gráficos, dando a ver uma transmissão generosa, que dista de um mero ensino, uma vez que este, via de regra, nos remete semanticamente a algo mais dogmático e compacto. Na transmissão, vemos o vivo pulsar da teoria em um enlace íntimo com a experiência psicanalítica e, por isso mesmo, vemos frestas por onde o *não dito* e o *não sabido* podem fazer vicejar e inspirar invenções teóricas para além do encontro literal com o texto lido.

Não seria pertinente que, em um livro que se propõe a dizer sobre a prática do analista, não houvesse menções ao discurso da psicanálise e ao lugar do psicanalista na cultura. Por isso, o livro nos brinda com várias passagens em que o autor se debruça sobre este ponto. Destaco, para não dar muito *spoiler* e, com isso, inspirar a leitura, uma destas passagens que me parece aludir diretamente ao lugar do analista na pólis e à sua formação permanente, bem como à sua responsabilidade como propagador do discurso da psicanálise na cultura. Trata-se de uma passagem em que o autor aborda esta questão de maneira cristalina, quando escreve que a transferência com a psicanálise *na* cultura precede a transferência da psicanálise *num* analista. Ao que eu gostaria de comentar, inspirada pela leitura: precede a transferência *num analista*, e ao mesmo tempo confere contornos decisivos aos modos pelos quais o discurso psicanalítico se inscreve *na cultura*. Daí a importância do trabalho dos analistas para reafirmar uma práxis que tenha como esteio a ética da psicanálise, sobretudo em um tempo, que é o nosso, no qual a Psicanálise, em nome de sua suposta democratização, vem tendo seus fundamentos tomados como alvo de dardos cuja pertinência em termos de rigor teórico, técnico, ético e político, tem-se apresentado por demais duvidosa.

Em conclusão, porque é preciso concluir para permitir que o leitor desta resenha vá ao encontro do livro de Coutinho Jorge, não cabe alongamentos e comentários a mais sobre como o livro reacendeu meu desejo de estudar psicanálise. Termino, então, com uma frase, ao modo de uma animada recomendação: marquem um encontro, de preferência demorado, com o livro de Marco Antonio Coutinho Jorge, e desfrutem com prazer!

Citação/Citation: Coelho, R. (2024). *O analista em seu laboratório: entre ciência e arte*. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XVI, no. 2.), pp. 132-134.

Recebido em: 20/07/2024
Aprovado em: 13/08/2024